



**“ISSO NÃO É PALAVREADO PARA UMA MOCINHA” – ANALISANDO A
AVALIAÇÃO DO USO DE PALAVRÕES POR MULHERES DO GÊNERO FEMININO**

Elisângela Gonçalves da Silva¹

INTRODUÇÃO

Segundo Freitag (2015, p. 18), assumimos que, uma vez que a Sociolinguística se volta para o estudo da relação entre língua e sociedade e que as relações estabelecidas pelos indivíduos em sociedade são dinâmicas, modificando-se com o tempo, segundo as necessidades / interesses desses indivíduos, a visão da Sociolinguística precisa acompanhar essas mudanças.

No que se refere, especificamente, à noção de gênero/sexo, “a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade”. Um fator que chama a atenção com relação à diferença entre a linguagem/comportamento “esperados” (muitas vezes, exigidos) de mulheres (meninas) em oposição a de homens (meninos) é o fato de os brasileiros não julgarem socialmente adequado o uso de palavrões por aquelas. Frases como “Você não acha que fala palavrão demais para uma mulher?”; “Isso não é palavreado para uma mocinha”; “Não fala isso; você é mulher” atestam essa afirmação.

Será que as adolescentes da chamada geração Y (segundo alguns autores, pessoas nascidas após 1980 e, segundo outros, de meados da década de 1970 até meados da década de 1990) veem problema no uso de palavrões? E aquelas da geração Z (é a definição sociológica para definir geração de pessoas nascidas da metade da década de 90 até o ano de 2010) faziam uso de palavrões? Como os membros da sociedade de ambas as gerações viam o uso de palavrões por mulheres? As respostas a serem dadas a questões como essas justificam a consecução desse estudo. Para respondê-las, analisamos comentários de adolescentes do gênero masculino e do gênero feminino sobre o uso de palavrões pelas

¹ Orientadora. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, atuando como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB). Endereço eletrônico: elisangela.silva@uesb.edu.br



últimas.

Considerando nossa assertiva inicial de que as relações sociais mudam, temos por objetivo analisar o comportamento social e linguístico de adolescentes do gênero feminino no que diz respeito ao emprego que fazem de palavrões e a reação da sociedade com relação a esse uso pelas mesmas.

METODOLOGIA

Este trabalho está relacionado ao Projeto de Pesquisa “Dados Orais da Microrregião de Vitória da Conquista, Bahia: construção de um *corpus* oral digital anotado”, no que diz respeito à variável independente “gênero”. Com base nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006 [1966], 2008 [1972]), para a determinação dessa variável, o grupo da pesquisa tem realizado uma vasta revisão bibliográfica e entrado em contato com pesquisadores de diferentes instituições brasileiras que têm empreendido estudos sobre o tema.

A fim de alcançarmos o objetivo proposto, consultamos sites na internet em que a questão do uso do palavrão é debatida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das definições encontradas para o vocábulo “palavrão” no Dicionário Aurélio é “palavra obscena ou grosseira” (<https://dicionariodoaurelio.com/palavrao>). Para muitas pessoas, a função do uso do palavrão está ligada a fatores emocionais, ou seja, o indivíduo sente a necessidade, sobretudo, de manifestar raiva, o que é retratado no seguinte comentário de um internauta:

Acho que pessoas de todos gêneros podem xingar, mas palavrão perde a função e o significado quando usado o tempo todo, tipo usar palavrão como se fosse virgula.

A maior utilidade do palavrão é extravasar a raiva, então quem usa muito palavrão por modismo acaba perdendo isso.



Nosso foco não consiste em analisar a função “emocional” do uso de palavrões, mas analisar, a partir de comentários postados em sites, o que mulheres do gênero feminino – adolescentes e adultas – pensam sobre o uso de palavrões e como aquelas que os utilizam são avaliadas socialmente.

Começamos pelos comentários das próprias adolescentes deixados em um site, em que se realiza uma enquete a respeito do fato de garotas falarem palavrão:

- (1) a. FALO MUITO PALAVRAO TODA HORA MAS MEUS AMIGOS E EX NAMORADOS NUNCA SE INCOMODARAM ISSO SÓ MEUS PROFESSORES. NUNCA TIVE PROBLEMAS E ESPERO NUNCA TER.
- b. Eu odeio falar palavrões, prefiro ser mais feminina, mais recatada. Acho ridículo meninas (meninos também) que falam vários palavrões, me sinto até ofendida quando estou perto de alguém que fala. Que horror!
- c. No começo eu até falava abeça. mais hj em dia nem perco mais meu tempo.acho isso ridículo pra homem ee ainda mais pra menina [...]
- d. eu sempre falei palavrão e sempre vou falar...Já viirou parte do cotidiano...mas tbm não falo demais.

Com relação a essa enquete, chama-nos a atenção o fato de se pedir a opinião dos **garotos** sobre o que acham de **garotas que falam palavrão**. Por que o comportamento **delas** deve ser avaliado e não o dos meninos, por exemplo? Não estamos aqui diante de um comportamento que já demonstra um preconceito com relação ao fato de garotas falarem palavrão? Vale ressaltarmos que o que motivou essa enquete foi este comentário de uma adolescente: “Sou uma garota bem descontraída e às vezes solto uns palavrões no meio da conversa. Sempre fui assim. Mas agora, sempre que meu namorado está junto, ele me dá uma bronca e fala que isso não é bacana em uma garota. Só que esse é o meio jeito e não quero mudar. Todos os caras pensam dessa forma?”.

Os três adolescentes do gênero masculino que responderam à enquete apresentaram uma avaliação negativa sobre meninas que falam palavrões. Segue um desses comentários:

- (2) Algumas meninas falam palavrão com frequência, mas não quer dizer que sejam ruins ou mal-educadas. Tem gente que fala mais, gente que fala menos. Agora, se ela fala muitos palavrões e também é mal-educada, isso me incomoda. Mas se ela for uma menina legal e que eu gosto, a deixaria ser do jeito que ela realmente é.

O espaço não nos permite tecer muitos comentários sobre essa citação, a avaliação desse adolescente quanto a garotas que falam palavrões com frequência. Destaquemos o fato de ele afirmar que “deixaria” a menina ser o que é – uma visão extremamente machista



que vai se perpetuando de geração para geração entre homens desse gênero.

Em outro site, algumas mulheres adultas (ou seja, da geração Y) deixaram os seguintes comentários:

- (3) a. Prefiro mil vezes dizer os piores palavrões em pensamentos olhando bem meigamente pra pessoa do que falar, é muito melhor.
- b. Eu falo palavrão pra caralho mesmo (não foi de propósito), especialmente pra enfatizar as coisas, aí quando tô com a família eu fico tentando descobrir como falar certas coisas sem palavrão e normalmente acabo parando a frase no meio porque não consigo achar nada melhor.
- c. Quando minha mãe tá aqui – minha mãe linda que a gente senta pra beber, fumar e falar sobre qualquer coisa - ela sempre fala que eu falo palavrão demais.

Ainda com relação a representantes da geração Y, Maria Leda Moraes Chini, autora do livro “O julgamento do palavrão”, que tem sido utilizado inclusive em escolas para combater o uso de palavrões, julga esse uso como negativo:

Venho de uma geração que não falava palavrão. De vez em quando, podia até escapar um ou outro, mas raro e sem intenção. De repente, começo a ficar cansada de só ouvir palavrão. Nossos jovens e crianças falam palavrões demais. De cada cinco palavras ditas por nossos jovens, três são palavrões”

Chama-nos a atenção também uma discussão mantida em outro site sobre o uso de palavrões por mulheres do gênero feminino, quando uma internauta responde a um homem que discorda da existência de preconceito linguístico para com aquelas que falam palavrões da seguinte forma: “É que tu não é mulher então não teve que ouvir isso a vida inteira”, o que vem reiterar a ação negativa em relação às mulheres que falam palavrões.

Os excertos apresentados nos mostram que, apesar de sermos levados a pensar que entre as adolescentes do gênero feminino haja mais liberdade e menos preconceito quanto ao uso de palavrões, isso não é confirmado, observando-se que sua avaliação se assemelha à de sua mãe e até de sua avó, o que mostra que a linguagem não está dissociada da sociedade, visto que se trata de uma avaliação social.

CONCLUSÕES



Com esta breve análise de comentários postados em sites da internet que versam sobre o uso de palavrões, sobretudo por mulheres do gênero feminino, concluímos que, independentemente da geração, a avaliação negativa quanto a pessoas desse gênero que falam palavrões é negativo, até mesmo por parte de tais pessoas. Os indivíduos julgam os palavrões como algo imoral, prejudicial e até ofensivo, porém essa avaliação se torna mais branda se são homens do gênero masculino que os empregam; inclusive isso é visto como questão de virilidade, como nos mostra este trecho retirado de uma rede social “Se eu fosse homem como minha família insiste, eu teria que dar bom dia falando um palavrão. Palavrão parece que foi feito por e para homens. Se não fala palavrão é porque não é macho. Macho que é macho se cumprimenta com palavrão”.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Sociolinguística Variacionista. Palavrão.

REFERÊNCIAS

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: ____.; SEVERO, C. G. (Org.). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p.17-74.